

J Ó



VIDA NOVA

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário Expositivo</i>	ix
Introdução à <i>Série Comentário Expositivo</i>	xi
Reduções gráficas (abreviações e siglas)	xiii
Introdução a Jó	1
Jó 1	8
<i>A adversidade de um homem justo</i>	
Jó 2	14
<i>O aumento da pressão</i>	
Jó 3	20
<i>Jó rompe o silêncio</i>	
Jó 4	26
<i>Elifaz explica a adversidade de Jó</i>	
Jó 5	32
<i>Elifaz acha que sabe a resposta</i>	
Jó 6	38
<i>A frustração de Jó com seus amigos</i>	
Jó 7	45
<i>A reclamação de Jó a Deus</i>	
Jó 8	51
<i>Bildade tem a resposta (até parece!)</i>	
Jó 9	58
<i>Jó considera uma disputa legal com Deus</i>	
Jó 10	64
<i>O que Jó quer dizer a Deus</i>	
Jó 11	70
<i>Zofar rejeita as reclamações de Jó</i>	
Jó 12	76
<i>Jó apresenta evidências contra o princípio da retribuição</i>	
Jó 13	82
<i>Jó se volta para falar com Deus</i>	
Jó 14	88
<i>Jó tenta ter esperança, mas acaba em desespero</i>	
Jó 15	94
<i>Elifaz apresenta suas críticas a Jó</i>	
Jó 16	100
<i>Jó se sente atacado por Deus</i>	
Jó 17	106
<i>Jó não encontra esperança na vida nem na morte</i>	
Jó 18	112
<i>Bildade volta a mencionar a retribuição</i>	
Jó 19	118
<i>A esperança de Jó contra a esperança</i>	

Jó 20	124	Jó 33	205
<i>As palavras finais de Zofar a Jó</i>		<i>Eliú exorta Jó a ouvir</i>	
Jó 21	130	Jó 34	210
<i>Jó destrói o argumento principal dos amigos</i>		<i>Eliú argumenta que Deus sempre age com justiça</i>	
Jó 22	137	Jó 35	216
<i>Elifaz condena Jó e o aconselha</i>		<i>Eliú descreve Deus como alguém muito distante e desinteressado em ouvir Jó</i>	
Jó 23	143	Jó 36	222
<i>Jó sente confiança e terror</i>		<i>Eliú aponta para o benefício corretivo do sofrimento</i>	
Jó 24	149	Jó 37	228
<i>Jó pergunta por que Deus permite que o pecado continue impune</i>		<i>Eliú termina seu discurso com um floreio</i>	
Jó 25	156	Jó 38	234
<i>A tentativa final de Bildade de responder a Jó</i>		<i>Yahweh fala como um mestre por excelência</i>	
Jó 26	162	Jó 39	241
<i>Jó ouve os sussurros das obras de Deus</i>		<i>Yahweh pergunta a Jó sobre os animais</i>	
Jó 27	168	Jó 40	247
<i>Jó fala em lugar de Zofar</i>		<i>Yahweh chama a atenção de Jó para o Beemote</i>	
Jó 28	174	Jó 41	253
<i>Mas onde se pode encontrar a sabedoria?</i>		<i>Yahweh chama a atenção de Jó para o Leviatã</i>	
Jó 29	180	Jó 42	260
<i>Jó relembra os bons e velhos tempos</i>		<i>O fim de Jó é bom</i>	
Jó 30	186	Notas	267
<i>Das alturas da honra às profundezas da humilhação</i>		Bibliografia.....	271
Jó 31	192	Créditos das imagens	275
<i>O último juramento de inocência de Jó</i>		Índice de assuntos.....	277
Jó 32	199		
<i>Eliú aparece</i>			

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta que fizemos quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As abordagens sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em análises técnicas, os pastores muitas vezes lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento

hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário que empregue o que há de melhor no que diz respeito à pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido com o propósito de disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em torno de seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira quanto de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se dedicam a preparações semanais, com o auxílio desta obra, vão saber que estão lendo aproximadamente a mesma quantidade de texto a cada semana.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e

uma lista de seus temas principais. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar abordagens mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Nos tempos atuais, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto

na seção “Para entender o texto”, cada unidade traz as seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, sua Palavra “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade:

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Temas principais*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa

no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica

cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os temas principais e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Temas principais”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui, o comentário sugere ilustrações úteis

em áreas como literatura, entretenimento, história, biografia, vida cotidiana, medicina e mais de quarenta outras categorias presentes na cultura. O propósito é oferecer ideias gerais para despertar a criatividade de pregadores e professores e ajudá-los na preparação de ilustrações para uma exposição mais vívida da mensagem e seus temas principais.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para reduzir a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias

Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro

1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Apócrifos

Eo	Eclesiástico
----	--------------

Pseudepígrafos do Antigo Testamento

T. Jó	Testamento de Jó
-------	------------------

Gerais

//	paralelo
a.C.	antes de Cristo

AT	Antigo Testamento
c.	cerca de, por volta de
cap(s).	capítulo(s)
cf.	conferir
cp.	comparar com
d.C.	depois de Cristo
esp.	especialmente
n.	nascido em
NT	Novo Testamento
p. ex.	por exemplo
séc.	século (s)
v.	versículo(s)

Versões antigas

TM	Texto Massorético
----	-------------------

Introdução a Jó

Autoria, data e cenário

O livro de Jó não identifica seu autor nem indica a data de sua composição. O relato se passa fora de Israel, provavelmente na terra de Edom; portanto, as narrativas históricas do Antigo Testamento não podem ser usadas para determinar de maneira específica quando os fatos ocorreram. Ademais, a data de composição do livro pode não ter sido a mesma do cenário literário da ação, pois muitas vezes o autor situa seu texto em um período histórico diferente do dele. Além disso, o tema do sofrimento que domina o livro de Jó é um assunto comum, debatido pelas pessoas em todas as épocas.

Por causa desses fatores incertos, os intérpretes ao longo da história chegaram a uma ampla variedade de opiniões sobre quem escreveu o livro e quando ele foi escrito.¹ O *Talmude Babilônico* atribuiu o livro a Moisés, mas vários rabinos sugeriram alternativas variadas. Eusébio, um dos pais da igreja primitiva, afirmou que o livro contém transcrições precisas de discursos registrados quando foram proferidos, o que ele acreditava ter ocorrido na época de Abraão. Outros intérpretes sugeriram datas ao longo da

história de Israel, com alguns datando Jó até o período pós-exílico (séc. 6 a.C. e mais tarde).

Muitos dos detalhes do livro parecem se encaixar melhor na era dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Por exemplo, os antigos nomes divinos El, Eloah e Shaddai são usados na maior parte do livro. Além disso, os bens de Jó se assemelham muito aos dos patriarcas, e a duração de sua vida é comparável com a deles. No entanto, os temas do livro de Jó estão mais relacionados aos livros sapienciais do Antigo Testamento — Provérbios e Eclesiastes —, à medida que Jó e seus amigos se digladiam com o ensino da sabedoria tradicional de que Deus abençoa os justos, mas pune os ímpios.

Quando todos esses fatores são pesados em conjunto, talvez seja melhor considerar que o livro de Jó foi escrito por um mestre de sabedoria não identificado, provavelmente durante o período em que a sabedoria floresceu em Israel, da época de Salomão (séc. 10 a.C.) até pelo menos a época de Ezequias, no século 8 a.C. (cf. Pv 25.1). Ao fazer uso de um relato ambientado no antigo período patriarcal, mas fora de Israel, o escritor

trata da questão milenar e universal do sofrimento humano no contexto da infinita sabedoria, autoridade e justiça de Yahweh.

Unidade e estrutura

Vários intérpretes do livro de Jó argumentaram que ele é composto por textos díspares, costurados por um ou mais editores.² Especificamente, afirmam que a representação de Jó como modelo de paciência na estrutura da prosa do livro conflita com sua postura desafiadora na seção poética central. Muitas vezes, o poema que elogia a sabedoria no capítulo 28 e os discursos de Eliú nos capítulos 32 a 37 são considerados acréscimos posteriores, e alguns dos discursos do terceiro ciclo (caps. 22—27) são reconfigurados e reatribuídos a diferentes oradores.

A paisagem da terra de Edom, cenário possível do livro de Jó.

Contudo, deve-se reconhecer que a evidência concreta dos manuscritos apoia a disposição do livro como o temos agora, e não há dados textuais que corroborem as reconstruções hipotéticas de Jó. Na verdade, quando o livro é lido com atenção, apresenta um desenvolvimento coerente e profundo de pensamento. Seguindo inúmeros exemplos em textos antigos e mais recentes, o livro de Jó envolve um prólogo e um epílogo em prosa em torno da incorporação de um centro poético. A estrutura da prosa se refere aos dados da poesia. Esta, por sua vez, pressupõe o conhecimento do prólogo, e seus conflitos são resolvidos no epílogo.

No prólogo (caps. 1—2), o caráter justo de Jó é descrito repetidas vezes pelo narrador (1.1) e por Yahweh (1.8; 2.3). O desafio do adversário sobre a causa que motiva o comportamento



justo de Jó é revelado, bem como a permissão de Yahweh para que o adversário traga calamidade à experiência de Jó a fim de testar a sinceridade de seu compromisso com Yahweh. O adversário passa a causar a destruição dos bens, da família e do corpo de Jó.

A longa seção poética começa com o lamento inicial de Jó (cap. 3); em seguida, seus três amigos tentam lhe explicar por que ele tem passado por essa adversidade e o que ele precisa fazer para solucionar sua condição lastimável. Jó e os amigos passam por três rodadas de discursos nos capítulos 4 a 27, ao longo dos quais todos ficam mais agitados, de modo que no final da seção a comunicação entre eles se desfaz.

Nesse ponto, o narrador interpõe um poema em louvor à sabedoria no capítulo 28, que serve para reorientar a atenção para o tema-chave do temor do Senhor, o princípio fundamental da sabedoria (cf. Pv 9.10). Assim, Jó se pronuncia nos capítulos 29 a 31 e em seu ápice lança um desafio a Deus para que este lhe responda (31.35). Um jovem chamado Eliú passa a discursar de maneira inesperada nos capítulos 32—37, uma tentativa corajosa e vã de fornecer um ponto de vista juvenil após a falha dos mestres da sabedoria mais experientes. Por último, Yahweh rompe seu silêncio nos capítulos 38 a 41. Ao fazer mais de setenta perguntas a Jó, que ficam sem resposta, Yahweh o leva à compreensão de que, embora ele seja inocente de pecado, não conhece os caminhos de Yahweh. No capítulo final do livro, Jó retira sua reivindicação legal contra Yahweh, e este restaura a reputação, a fortuna e a família de Jó.

Literatura

O autor de Jó combina com maestria temas grandiosos com uma linguagem

refinada e uma estrutura intrincada, de maneira que o livro é considerado com legitimidade um dos melhores textos literários já compostos. Ele não se enquadra em nenhum tipo literário específico; em vez disso, combina o melhor de provérbios, hinos, lamentos, poesia sobre a natureza e retórica jurídica em uma composição única e brilhante.

Uma questão interpretativa de debate sobre o livro é sua relação com a história factual. Será que ele registra o relato literal da calamidade que assolou um homem chamado Jó, em um tempo e lugar específicos, com a transcrição das palavras que Jó e seus amigos realmente proferiram enquanto se esforçavam para aceitar sua tragédia? Ou será que o livro comunica a verdade teológica por meio de literatura imaginativa? Os estudiosos que consideram a Bíblia a Palavra de Deus inspirada e inerrante assumem posições diferentes sobre essa questão.

A historicidade do livro de Jó não deve ser rejeitada de antemão. As referências bíblicas a Jó em Ezequiel 14.14,20 e Tiago 5.11 remetem a ele do mesmo modo que indicariam uma figura histórica. Assim, a questão da veracidade histórica do livro de Jó deve ser decidida pelo exame cuidadoso dos dados textuais presentes no escrito.

As palavras iniciais do livro de Jó são semelhantes às expressões encontradas

Esboço de Jó

1. Prólogo (1—2)
2. Diálogo: primeiro ciclo (3—14)
 - a. Jó (3)
 - b. Elifaz (4—5)
 - c. Jó (6—7)
 - d. Bildade (8)
 - e. Jó (9—10)
 - f. Zofar (11)
 - g. Jó (12—14)
3. Diálogo: segundo ciclo (15—21)
 - a. Elifaz (15)
 - b. Jó (16—17)
 - c. Bildade (18)
 - d. Jó (19)
 - e. Zofar (20)
 - f. Jó (21)
4. Diálogo: terceiro ciclo (22—27)
 - a. Elifaz (22)
 - b. Jó (23—24)
 - c. Bildade (25)
 - d. Jó (26—27)
5. Interlúdio (28)
6. Jó (29—31)
7. Eliú (32—37)
8. Yahweh (38—41)
9. Epílogo (42)

Jó foi inserido no gênero da literatura sapiencial. Para chegarem a uma compreensão mais plena desse livro, os estudiosos procuraram paralelos da Mesopotâmia. O texto mesopotâmico mostrado aqui, conhecido como *Ludlul bel Nemeqi* ("Louvarei o Senhor da Sabedoria"), também apresenta um homem piedoso, embora não inocente, que suporta o sofrimento e a calamidade, mas louva seu deus.



em 1Samuel 1.1, que introduz a narrativa histórica do nascimento de Samuel, e de 2Samuel 12.1, em que Natã começa a contar a Davi um relato imaginário sobre um pobre e sua cordeirinha, roubada pelo vizinho rico. O cenário do livro é fora de Israel, na terra de Uz, e Jó não é apresentado como membro da família da aliança. O narrador passa a descrever Jó e sua situação inicial em um âmbito ideal, seguido de uma série de catástrofes que destroem quase tudo o que Jó possui e ama. À medida que ele e seus amigos dialogam sobre sua situação, eles se revezam em três ciclos de diálogos, com uma linguagem que parece sugerir um talento artístico consciente, em vez de representar a transcrição de respostas reais e extemporâneas. A resolução, no epílogo, aborda e resolve com clareza vários conflitos levantados no diálogo.

Na Bíblia, existem diversos exemplos de narrativas históricas que descrevem acontecimentos reais no tempo e no espaço, e esse poderia ser o caso do livro de Jó. Entretanto, também há o uso frequente de relatos fictícios, como as parábolas que Jesus contou nos Evangelhos, e o texto de Jó poderia ser lido dessa forma com plausibilidade. É evidente

que o Espírito Santo empregou na Bíblia tanto narrativas históricas quanto literatura imaginativa para ensinar a verdade divina: o que não está tão claro é qual tipo de literatura o livro de Jó representa.

Propósito

O livro de Jó não declara seu propósito de forma explícita, mas fornece diversas pistas para sua formulação. Mesmo a leitura superficial

do livro indica tratar-se de um complemento ao ensino da sabedoria como o que se encontra no livro de Provérbios. Neste último, o tema predominante é que Yahweh abençoa os sábios e justos, mas pune os tolos e ímpios; esse ensino é conhecido por teologia da retribuição. Em Jó, a teologia da retribuição é testada para averiguar até que ponto pode ser aplicada de forma legítima. Os amigos de Jó insistem que a retribuição é uma fórmula fixa e aplicável a todos os casos, por isso o sofrimento de Jó indica que ele deve ter pecado. Jó se sente confuso, porque confia em sua inocência, ainda que esteja sofrendo terrivelmente. Um dos principais objetivos do livro de Jó é demonstrar que, embora a retribuição seja verdadeira como padrão geral, o governo soberano de Yahweh sobre o mundo não pode ser reduzido a uma fórmula rígida de retribuição.

O livro também foi escrito para ensinar que as pessoas são limitadas em seu conhecimento das ações de Yahweh. A maior parte do livro se passa na terra, enquanto Jó e seus amigos discutem sua adversidade e sua causa provável. O leitor, entretanto, aprende com o prólogo

que há muito mais acontecendo do que as pessoas imaginam. Yahweh afirmou com clareza o caráter justo de Jó, e o adversário acusou Jó de motivações falsas para suas ações piedosas. No final do livro, Jó percebe que seu conhecimento como homem é minúsculo comparado ao que o onisciente Yahweh sabe; assim, Jó se rende a ele.

O livro de Jó também revela que Yahweh, o Senhor Soberano, é livre para agir de maneiras que podem parecer surpreendentes para os seres humanos. Embora seu modo padrão de agir seja a retribuição, como ensina o texto de Provérbios, Yahweh não está preso à fórmula da retribuição. Ele pode permitir um caso como o de Jó, em que uma pessoa justa sofre adversidades, para cumprir propósitos conhecidos apenas por ele mesmo. Contudo, Yahweh também é livre para agir com graça ao conceder bênçãos a quem nada merece além do juízo divino.

Portanto, o livro de Jó serve de complemento à sabedoria tradicional ensinada em Provérbios ao incentivar o leitor a confiar em Yahweh, mesmo quando ele não parece agir de acordo com seu padrão. Pelo fato de Yahweh ser justo, pode-se confiar que ele agirá de acordo com seu caráter santo. No entanto, o conhecimento dele ultrapassa a capacidade de compreensão das pessoas, e ele é livre para agir de maneiras que os homens talvez não sejam capazes de compreender com sua perspectiva finita. Elas podem confiar em Yahweh mesmo quando não conseguem compreender seus caminhos misteriosos.

Tema

O livro de Jó trata de muitos assuntos importantes entre seus temas. Um de seus tópicos principais é a infinita sabedoria de Yahweh, que transcende a

capacidade de compreensão dos seres humanos. Jó e seus amigos debatem sobre a situação dele como se pudessem entender como Yahweh governa seu mundo. Entretanto, quando Yahweh fala com Jó e formula inúmeras perguntas que permanecem sem resposta, elas demonstram que seu conhecimento excede em muito o entendimento de todo ser humano. O livro de Provérbios revela muitas características observáveis do mundo de Yahweh, mas o livro de Jó explica que, além de tudo que se pode conhecer, existem vastas áreas que Yahweh conhece com perfeição, mas permanecem misteriosas para os seres humanos.

O livro também altera a teologia da retribuição para explicar o conhecimento transcendente de Yahweh e sua liberdade soberana. A bênção que Yahweh confere a Jó no epílogo indica que a retribuição é um padrão geral válido de como Yahweh governa seu mundo. Todavia, nos detalhes específicos, há aspectos da vida em que a retribuição não deve ser transformada em uma fórmula rígida e absoluta. Existem outros fatores em ação que alteram o padrão típico de causa e efeito na vida. Por esse motivo, uma pessoa boa como Jó pode sofrer adversidades, e os malfeitores podem obter sucesso; entretanto, Yahweh resolverá as coisas do modo certo de acordo com seu tempo, maneira e propósito.

Embora o livro de Jó não trate formalmente do problema do mal — que indaga o motivo pelo qual pessoas inocentes sofrem em um mundo governado pelo Deus todo-bondoso e todo-poderoso, ele fornece várias percepções relacionadas ao assunto. O livro ensina que nem sempre se pode atribuir o sofrimento ao pecado pessoal. Indica também que fatores fora do controle

humano podem interferir, como o sofrimento de Jó por instigação do adversário. A resposta final de Jó revela que o sofrimento pode resultar em instrução e crescimento, pois Deus extrai o bem do mal. Em última análise, o livro de Jó leva o leitor a perceber que a explicação para o sofrimento de pessoas boas deve ser deixada no âmbito do mistério divino. Contudo, Yahweh é confiável, mesmo quando as pessoas não conseguem entender todos os caminhos dele.

Para ensinar e pregar Jó

Ao ensinar ou pregar sobre o livro de Jó, ele deve ser comunicado de modo

fiel ao significado pretendido pelo autor. O livro deve ser lido como uma unidade completa, com o prólogo e o epílogo em prosa como molduras dos discursos poéticos no corpo principal da obra. A estrutura, reforçada pelo interlúdio do narrador no capítulo 28, fornece os indícios interpretativos que permitem ao leitor avaliar o que Jó, seus amigos e Eliú dizem. Os discursos de Yahweh são cruciais para conduzir Jó e o leitor de nossos dias a compreender o conhecimento divino transcendente e o mistério que os seres humanos devem aceitar.

É útil começar o estudo de Jó pela visão geral do livro. O prólogo deve ser analisado em detalhes para fornecer as lentes interpretativas pelas quais se torna possível considerar o restante do livro. À medida que os discursos se desenrolam na longa seção dos diálogos, eles devem ser relacionados à síntese do livro. Se isso não for feito, as declarações e os argumentos falhos de Jó e dos outros oradores podem ser erroneamente considerados como verdade, quando, na verdade, uma consideração cuidadosa do ensino de todo o livro os desmascara.

O livro de Jó consiste sobretudo em poesia antiga, que apresenta alguns desafios significativos para o professor ou pregador de nossos dias. A poesia se vale de muitas figuras de linguagem que o leitor contemporâneo pode considerar difíceis de compreender. Uma boa ferramenta para desvendar o significado das imagens do texto de Jó é o *Dictionary of biblical imagery* [Dicionário de imagens bíblicas] (InterVarsity, 1998). O livro de Jó também alude a muitos costumes antigos inteligíveis ao público original, mas desconhecidos pelas pessoas hoje. Dois guias úteis para esses tópicos são o *IVP Bible background commentary: Old Testament* (InterVarsity, 2000)

Obras baseadas no Livro de Jó

Muitas obras literárias e artísticas se basearam no livro de Jó e fazem referência a ele. Dentre elas se destaca o drama em versos livres *J.B.* (1958), vencedor do Prêmio Pulitzer, de Archibald MacLeish (1892-1982). MacLeish reformula de modo assustador os sofrimentos de Jó no mundo moderno. De maneira especial, a atitude de MacLeish em relação ao que ele considera a questão básica envolvida — por que seres humanos sofrem — não se limita à tradição do Antigo Testamento. MacLeish não afirma a fé tradicional; ele sugere a necessidade de um novo tipo de fé, uma fé que muita gente no mundo contemporâneo considere atrativa. Uma comparação com *J.B.* pode ser usada de modo substancial, ao longo de um estudo de Jó, para mostrar a diferença de perspectiva entre o conceito tradicional a respeito de Jó assumido por este comentário e o de MacLeish. (O drama *J.B.* é mencionado algumas vezes, de forma específica, nas seções “Para ilustrar o texto”.)

Uma segunda obra literária é um conto de William Humphrey (n. 1924) chamado *A Job of the plains* [Um Jó das campinas] (1965). Trata-se do relato de Jó sob a perspectiva de um fazendeiro rude e trabalhador chamado Dobbs. A obra contém ironia e um toque de cinismo.

Por último, o renomado poeta britânico William Blake (1757-1827) publicou um livro com 22 gravuras sobre o livro de Jó intitulado *Illustrations of the book of Job* [Ilustrações do livro de Jó], 1826. Elas são consideradas obras-primas.

e o *Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary* [Comentário ilustrado Zondervan do pano de fundo bíblico] (Zondervan, 2009).³

Também é importante ler o livro de Jó em seu contexto bíblico mais amplo, porque outras passagens das Escrituras podem aprimorar a imagem que Jó apenas esboça. Embora não se deva inserir os ensinamentos posteriores do Novo Testamento em Jó de maneira acrítica (p. ex., a transformação das palavras de Jó em 19.25 em uma clara antecipação da ressurreição de Cristo, como na famosa ária do *Messias* de Händel), deve-se reconhecer que passagens posteriores da Bíblia podem muito bem ser relevantes para explicar o significado das características de Jó (p. ex., a revelação bíblica posterior sobre o caráter e a carreira de Satanás pode iluminar a ação narrada em Jó 1—2). Como auxílio à compreensão

das dimensões teológicas mais amplas de Jó, um recurso útil é o *Dictionary of the Old Testament: wisdom, poetry and writings* [Dicionário do Antigo Testamento: sabedoria, poesia e escritos] (InterVarsity, 2008).⁴

O livro de Jó tem sido negligenciado com frequência no ensino e na pregação da igreja. Isso é lamentável, porque Jó lida com questões importantes que os membros da igreja contemporânea estão discutindo. Sua literatura poderosa e história convincente se combinam para direcionar o leitor a confiar no Senhor, o único que conhece e controla tudo que afeta a vida das pessoas em seu mundo. Esse livro maravilhoso é a palavra de Deus e deve ser estudado com cuidado e comunicado com clareza. O propósito deste comentário é preparar pastores, professores e estudantes para fazerem exatamente isso.

A adversidade de um homem justo

Ideia central *Diante de graves adversidades, Jó, em seu caráter, faz jus à confiança do Senhor.*

Para entender o texto

Texto em contexto

Os capítulos 1 e 2 de Jó servem de prólogo do livro. O capítulo inicial apresenta o protagonista, Jó, como um homem de caráter exemplar. Tanto o narrador (1.1) quanto Yahweh (1.8) descrevem Jó como alguém irrepreensível, justo e temente a Deus. O restante do livro deve ser lido com essa introdução em mente. Sob a intensa pressão que enfrenta, Jó fará algumas declarações que parecerão duras para com Deus, mas o prólogo deixa claro que Jó é um homem profundamente justo.

Tanto o prólogo (Jó 1—2) quanto o epílogo (42.7-17) foram compostos em prosa, mas os demais capítulos são predominantemente poesia. Assim, prólogo e epílogo funcionam como a estrutura literária e interpretativa desse livro longo e intrincado. Na verdade, sem a estrutura em prosa, seria difícil ler o restante do livro como uma história coerente com início, desenvolvimento e resolução.

Antecedentes históricos e culturais

As antigas religiões do Oriente Próximo, fora de Israel, eram politeístas, e

a maioria desses sistemas de pensamento retratava um conselho divino responsável por tomar decisões importantes que afetavam os humanos.¹ O texto de Jó 1 retrata uma reunião de seres designados “filhos de Deus”, e a comitiva inclui uma figura chamada *satã*, termo hebraico que se refere a um adversário ou acusador. Contudo, em vez de ser igual a eles, Yahweh é apresentado como alguém evidentemente superior aos filhos de Deus. Todos eles prestam contas a Yahweh e devem trabalhar dentro dos limites que ele lhes impõe. Assim, *satã* não é independente de Yahweh ou igual a ele; trata-se de uma criatura celestial subserviente ao único Deus verdadeiro.

Considerações interpretativas

1.1 *Este homem era irrepreensível.* De modo geral, quando o Antigo Testamento apresenta uma figura importante, também traça sua genealogia. Entretanto, no caso de Jó, é seu caráter exemplar que se destaca. No primeiro versículo do livro, o narrador descreve Jó com palavras elogiosas: “Este homem era irrepreensível e íntegro; temia Deus

e evitava o mal”. Mais adiante, em 1.8 e 2.3, Yahweh repete essa descrição, confirmando o caráter impecável de Jó como homem íntegro e piedoso. Como excelente exemplo de sabedoria bíblica, Jó ama o que Yahweh ama e evita o que desagrada Yahweh. Isso não é o mesmo que afirmar que Jó é moralmente perfeito como Yahweh é perfeito, mas que, considerando os limites da queda humana, a justiça de Jó é elogiada por Yahweh.

1.3 *Ele era o homem mais importante dentre todos os povos do Oriente.* Em todas as medidas tangíveis, Jó é próspero. Quando essa descrição é lida tendo como antecedente o livro de Provérbios, Jó está vivendo, efetivamente no nível mais elevado, a boa vida que a sabedoria promete como bênção de Yahweh (Pv 10.22).

1.6 *Satanás também veio com eles.* No Novo Testamento, Satanás é o líder das forças do mal que se esforça para frustrar a vontade divina. Ele é retratado em suas tentativas fracassadas de tentar Jesus (Mt 4.1-11) e resistir ao governo de Deus (Ap 12.9; 20.2,7-8). Em outras partes do AT, além das referências a Satanás em 1Crônicas 21.1 e Zacarias 3.1-2, o termo hebraico *satan* é traduzido por uma expressão descritiva (p. ex., “adversário” em 1Rs 5.4; “acusador” em Sl 109.6) em vez de um nome pessoal (Satanás) para designar o inimigo de Deus e de seu povo.

Em Jó 1 e 2, a expressão hebraica inclui o artigo definido antes do termo *satan*, que denota um adversário ou, em um contexto legal, um acusador. Pelo fato de *satan* aqui parecer estar incluído no grupo celestial dos filhos de Deus, muitos estudiosos concluíram ser ele um membro da assembleia de Yahweh que não ataca Jó com dolo, mas apenas expressa dúvidas sobre a política divina de

Temas principais

- Yahweh elogia o padrão de vida justo de Jó.
- O adversário questiona os motivos de Jó por trás de suas práticas.
- A adversidade de Jó é causada por fatores que estão muito além do seu controle.
- Jó responde à calamidade com dor profunda, mas também com um compromisso inabalável com Yahweh.

recompensar a justiça. De acordo com esse ponto de vista, ele atua como um promotor que formula questionamentos sobre os motivos para a piedade de Jó em relação a Deus.

Isto pode ser verdade, mas também é necessário considerar que o mesmo termo hebraico é usado muitas vezes nas narrativas do AT e em Salmos para se referir a inimigos que fazem acusações verbais contra os justos. Além disso, das 34 referências do Novo Testamento a Satanás, 28 usam o artigo definido quando falam dele (p. ex., Ap 20.2,7, quando o Senhor derrota seu antigo inimigo, Satanás, e o mantém preso por mil anos). No Antigo Testamento, o artigo definido também é usado algumas vezes dessa forma, como por exemplo quando “o Deus” se refere a Deus ou “o Baal” se refere à divindade cananeia Baal. Em vista disso, parece haver evidências significativas para identificar o adversário em Jó como um antagonista de Yahweh e de seu servo Jó.

1.9 *Será que ele teme a Deus em troca de nada?* Quando Yahweh aponta a vida exemplar de Jó, o adversário sugere que Jó pode estar usando Yahweh para obter as bênçãos materiais que deseja. Talvez haja a sugestão implícita e não verbalizada de que Yahweh use Jó para obter a adoração que ele deseja da parte dos humanos. Se for esse o caso, o

adversário está fazendo uma acusação sobre a motivação para piedade aparentemente exemplar de Jó.

1.10-11 *Tu não colocaste uma cerca à volta dele?* A Bíblia menciona muitas vezes que Deus é o protetor do seu povo (cf. Sl 91; 121). Aqui, o adversário faz uma pergunta sobre a motivação da piedade de Jó, e então assevera com audácia que, se Yahweh remove-se a cerca à volta de Jó e permitisse que sua vida perfeita fosse afetada pela calamidade, a adoração de Jó se transformaria em maldição. É interessante que o termo hebraico que o adversário usa para “amaldiçoar” normalmente tem o significado oposto, “abençoar”; o mesmo termo também tem o significado de “maldição” em 1.5, em que Jó oferece sacrifícios por seus filhos caso eles tenham pecado e *amaldiçoado* a Deus em seu coração.

1.12 *tudo o que ele tem está em seu poder.* Como só Yahweh é Deus e o soberano supremo sobre todos, ele poderia rejeitar por completo o desafio do adversário. Por ser uma criatura, o adversário não é igual a Yahweh e não pode obrigá-lo a nada. Contudo, Yahweh não se esquivava do desafio, mas permite que o adversário interfira nos bens de Jó. Nesse momento, Yahweh proíbe o adversário de afligir o corpo de Jó. Este desconhece completamente o diálogo

celestial que provoca a calamidade que se seguirá.

1.13-19 *Eu sou o único que escapou para lhe contar!* A literatura narrativa do AT normalmente se concentra na ação e no diálogo, não na descrição — o que sem dúvida ocorre em Jó 1.13-19. Nesse episódio, o relato da adversidade de Jó soa como um noticiário que apresenta os fatos gritantes da calamidade e omite qualquer referência aos sentimentos de Jó diante dessa imensa tragédia humana. A cena muda do céu (1.12) para a terra (1.13-19) quando quatro servos se aproximam de Jó em rápida sucessão, cada um com notícias devastadoras. Em um curto intervalo de tempo, Jó é reduzido da riqueza à miséria, da satisfação ao desastre, da celebração à tristeza. Ele não sabe nada sobre a conversa no céu entre Yahweh e o adversário. Tudo que ele pode notar é a devastação de seus meios de vida e de sua família. Se o adversário estiver correto, a fé de Jó em Yahweh também entrará em colapso em breve. Todavia, se o comportamento piedoso de Jó estiver enraizado de verdade em seu coração, sua fé em Yahweh sobreviverá em meio aos escombros de sua experiência.

Em 1.17, entre as calamidades que se abatem sobre Jó estão a perda de seus camelos e a morte de seus servos por grupos de saqueadores caldeus. Esse relevo assírio mostra uma mulher e um rebanho de camelos capturados durante uma das campanhas militares de Tiglate-Pileser (palácio central de Nimrud, 728 a.C.).



1.20-22 *Então ele se lançou ao chão em adoração.* A resposta de Jó à profunda calamidade tem um desdobramento duplo. Ao sentir toda a força da dor, ele rasga as roupas e raspa o cabelo — ritos comuns de luto no mundo antigo (cf. Gn 37.34; Is 15.2; Jr 7.29). Ao mesmo tempo, Jó também se lança ao chão e adora a Deus com humildade. Tudo que ele possui foi concedido por Yahweh, e não obtido por esforços próprios, e tudo que ele acabou de perder foi levado embora por Yahweh, não só pelos agentes secundários que lhe infligiram danos. Ele conclui abençoando Yahweh em vez de o amaldiçoar como o adversário havia previsto em 1.11. O narrador coloca um ponto de exclamação final na resposta de Jó: “Em tudo isto, Jó não pecou, acusando Deus de maldade” (1.22).

Considerações teológicas

Só em raras ocasiões a Bíblia abre as cortinas para que o leitor possa vislumbrar o que ocorre nos bastidores da história da humanidade. Em Efésios 6.12, Paulo afirma que os cristãos lutam contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. O profeta Eliseu ora em 2Reis 6.17 para que Yahweh abra os olhos de seu servo para este enxergar as forças divinas invisíveis que os protegem. O texto de Daniel 10 relata um conflito angélico que afeta o sucesso das nações.

Embora o livro de Jó possa ter sido escrito como uma parábola imaginativa, e não como uma narrativa histórica literal (cf. o debate na introdução), nos dois casos a referência ao adversário em Jó 1 e 2 pode ser comparada a outras passagens bíblicas. Se o adversário for um membro do conselho divino que auxilia Yahweh no governo de seu mundo,

ele desempenha um papel comparável ao do espírito de 1Reis 22.19-23. Entretanto, se as ações dele para com Jó forem maliciosas, então o conceito de “adversário” aqui pode ser considerado um precursor para uma compreensão mais completa sobre Satanás, cuja atividade como acusador do povo de Deus se desenvolve de modo mais explícito no Novo Testamento (Ap 12.9-10).

Para ensinar o texto

Embora cada pessoa enfrente um conjunto único de circunstâncias, a adversidade é uma experiência que permeia toda a história da humanidade. Algumas pessoas enfrentam problemas médicos; para outras, o desafio pode ser financeiro, psicológico ou interpessoal. Cedo ou tarde, todos experimentamos sofrimento. A história de Jó nos impacta porque ele percorreu o mesmo caminho de adversidade que todos os seres humanos percorrem. Do mesmo modo que Jó, também nos perguntamos por que coisas más acontecem em um mundo controlado pelo Deus bom.

O livro de Jó define o cenário no capítulo 1 ao narrar como, diante de adversidades severas, Jó vive à altura da confiança do Senhor em seu caráter. O bom caráter de Jó é evidenciado por seus padrões de vida justos. Tanto o narrador (1.1) quanto Yahweh (1.8) descrevem Jó com entusiasmo. Embora a riqueza de Jó seja impressionante, ela não é o foco. Em vez disso, seu currículo destaca mais seu caráter que suas poses, uma grande diferença em relação a como nossa cultura contemporânea mede sucesso e valor. Em seus padrões de vida, Jó demonstra integridade, compromisso com os padrões morais divinos, reverência a Deus e aversão ao

mal — componentes essenciais da vida sábia e justa na literatura sapiencial do Antigo Testamento.

À medida que o adversário questiona a política divina de recompensar a justiça, ele também questiona os motivos de Jó. Muitas pessoas estão interessadas em parecer generosas, gentis, atenciosas e justas, mas podem ser movidas por motivos impuros (compare a condenação de Jesus a práticas que as pessoas realizam para serem notadas pelos outros [Mt 6.1-6]). Por exemplo, pode-se fazer uma doação generosa para uma instituição de caridade principalmente pelo benefício fiscal que isso proporciona. Um gesto aparentemente gentil pode na verdade ser parte de uma estratégia de marketing para realizar uma venda. O adversário no livro de Jó argumenta que a adversidade provará que a reputação de Jó ser justo é apenas superficial, que esse não realmente é seu caráter, apenas sua resposta a uma política divina falha.

As adversidades que vivenciamos podem provir de muitas fontes. Algumas resultam dos nossos erros e escolhas. Outras estão além de nosso controle pessoal, como muitos problemas médicos, questões financeiras causadas por fatores macroeconômicos ou acidentes de trânsito. O livro de Jó indica que algumas adversidades que os seres humanos vivenciam podem ter surgido a partir de questões cósmicas que ultrapassam a responsabilidade individual.

A resposta inicial de Jó a sua calamidade reflete sua dor profunda, mas também seu compromisso inabalável com o Senhor (1.21-22). Fé em Deus não significa que enfrentaremos a dor com uma reação estoica e insensível. Quando a adversidade nos atinge a vida, podemos e devemos sentir toda

a extensão da dor. A fé não nega a dor; mas a conduz ao Senhor. Os numerosos salmos de lamento, como os salmos 3, 13, 22, 42 e 142, fornecem exemplos de pessoas piedosas que expressaram sua profunda dor ao Senhor e confiaram a ele seus problemas. Como Jó e os salmistas aprenderam, a adversidade pode nos levar a novas fronteiras em nosso conhecimento do Senhor e nossa confiança nele.

Para ilustrar o texto

Todos os seres humanos enfrentam adversidades de uma forma ou de outra.

Reportagem: Estatísticas recentes sobre problemas médicos, dificuldades financeiras e desastres naturais ilustram o princípio de que todas as pessoas enfrentam adversidades. O poder da adversidade para reduzir rapidamente alguém da prosperidade à pobreza foi testemunhado na quebra da bolsa de valores de 1929, quando pessoas ricas perderam tudo.

Embora a reputação muitas vezes se baseie em aparências, o caráter demonstra quem a pessoa realmente é.

Literatura: *Sense and sensibility* [Razão e sensibilidade], de Jane Austen. No primeiro romance publicado da escritora britânica Jane Austen (1775-1817), *Sense and sensibility* (1811), Marianne Dashwood considera John Willoughby um homem galante, mas na realidade suas ações provam que ele é um homem de caráter pobre. No início (cap. 10) ela pensa a respeito dele: “Quando ele estava presente, ela não tinha olhos para mais ninguém. Tudo que ele fazia era certo. Tudo que dizia era inteligente”. Outra personagem, Elinor, por fim

observa: “O mundo o tornou extravagante e vaidoso — a extravagância e a vaidade o tornaram insensível e egoísta. A vaidade, ao mesmo tempo em que procurava o próprio triunfo culposos à custa de outras pessoas, envolvera-o em um apego real, que a extravagância, ou pelo menos sua necessidade nascente, exigira que fosse sacrificado. Cada propensão defeituosa em levá-lo ao mal também o conduziu ao castigo” (cap. 44).

Literatura: *Paradise lost* [Paraíso perdido], de John Milton. A astúcia e a malícia de Satanás são apresentadas em grande escala em *Paradise lost* (1667), de John Milton. Na verdade, Satanás parece tão grandioso e exagerado no épico que alguns críticos o designam herói do poema, afirmação que C. S. Lewis contesta com seriedade em *A preface to Paradise lost* [Um prefácio ao Paraíso perdido] (1942). No entanto, poucas obras apresentam Satanás de maneira tão poderosa e em toda a sua glória demoníaca e caída. Muitas passagens merecem leitura; uma sugestão seria o Livro I, que descreve a queda desse ser enorme e poderoso que escolheu competir com Deus.

Quem primeiro os seduziu [Adão e Eva] a essa revolta suja?
A Serpente infernal; foi ela, cuja astúcia
Agitada pela inveja e pela vingança
enganou
A mãe da humanidade, quando seu
orgulho
O expulsou do céu, com toda sua hoste
De anjos rebeldes, com cuja ajuda
desejosa
De se colocar em glória acima de
seus pares
Ele imaginou ter se igualado ao
Altíssimo,
Caso este se opusesse; e com objetivo
ambicioso

Contra o trono e a monarquia de Deus
Suscitou uma guerra ímpia no céu e uma
batalha orgulhosa de tentativa vã.
Ele, pelo poder Onipotente, foi
Lançado em chamas, de cabeça, do
céu etéreo
Com horrível ruína e combustão
Até a perdição no abismo, para lá
habitar
Em correntes irrompíveis e fogo penal,
A quem ousou desafiar o Onipotente
para a batalha.²

Arte: Gustave Doré. O ilustrador, escultor, artista e gravurista francês Doré (1832-1883) ilustrou *Paradise lost*. As imagens de Doré destacam o poder de Satanás para destruir e enganar.



Ilustração de Satanás sendo expulso do céu (por Gustave Doré para *Paradise lost*, de John Milton, 1866)

O aumento da pressão

Ideia central *Apesar do aumento das adversidades, Jó reafirma seu compromisso total com o Senhor soberano.*

Para entender o texto

Texto em contexto

O segundo capítulo de Jó completa o prólogo, que prepara o cenário para uma análise abrangente sobre a resposta piedosa à adversidade. Grande parte da linguagem de 1.6-22 é repetida e intensificada em 2.1-10, à medida que o escritor usa a técnica de repetir e inserir variações para criar suspense e interesse. Quando as palavras de Yahweh em 2.3 são comparadas com a descrição anterior de Jó em 1.8, é evidente que a primeira rodada de adversidades não subverteu o caráter justo de Jó.

A chegada dos três amigos de Jó em 2.11-13 serve de ponte literária para a extensa seção de diálogo dos capítulos 3—31. À medida que os especialistas em sabedoria se sentam em silêncio com Jó durante sete dias, a tensão dramática aumenta, até que Jó rompe o silêncio com o lamento de seu coração dilacerado no capítulo 3. É evidente que a dor de Jó é muito grande (2.13), o que consiste em uma repetição irônica de 1.3, em que Jó é descrito como a figura mais importante do Oriente.

Antecedentes históricos e culturais

A técnica literária de repetição e variação foi muitas vezes usada por antigos contadores de histórias (cf. 1Sm 3.1-14; 2Rs 1.1-16; 2.1-8) e pode muito bem ter sido cultivada pela prática de contar e recontar histórias em formato oral. No prólogo do livro de Jó, o narrador de 2.1-10 repete com variações significativas o relato anterior de 1.6-22.

Em 2.8, Jó raspa suas feridas com um caco de cerâmica enquanto está sentado sobre as cinzas do depósito de lixo — lugar frequentado por pessoas excluídas, como mendigos e leprosos, no mundo antigo. Essa imagem realista do quebrantamento de Jó revela que ele foi rejeitado e desamparado, isolado da vida comunitária.

Em 2.12, os amigos de Jó choram, rasgam as vestes e jogam pó sobre a cabeça — expressões tradicionais de tristeza e luto (cf. Js 7.6; 1Sm 4.12; 2Sm 13.19; Ez 27.30). Por meio desses símbolos visuais de sepultamento e deterioração, eles se identificam com a pessoa morta ou, no caso de Jó, com alguém que parece estar morto. Da mesma forma, o silêncio (2.13) era muitas vezes um ato tradicional de luto (Lm 2.10; cf. Is 3.26; Ez 8.14),

e o período típico de luto que se seguia à morte da pessoa era de sete dias (Gn 50.10; 1Sm 31.13; Eo 22.12; Jz 16.24).

Considerações interpretativas

2.1 Outro dia. A narrativa em 2.1-3 é quase idêntica à de 1.6-8, mas inclui três mudanças sutis e significativas. Em 2.1, o adversário se apresenta entre os filhos de Deus com aparente disposição de continuar a disputa com Yahweh a respeito de Jó. Em 2.3, Yahweh declara que Jó ainda mantém sua integridade, mesmo depois de ser arruinado “sem qualquer razão”, usando o mesmo termo que o adversário declarou em 1.9 (“em troca de nada”). Também em 2.3, Yahweh declara que o adversário o incitou a arruinar Jó.

2.3 você me incitou contra ele. O verbo hebraico *sut* que Yahweh usa aqui para “incitar” tem a nuance de

Temas principais

- O adversário aumenta seu desafio ao caráter de Jó.
- Jó suporta dores físicas, sociais e emocionais.
- Jó aceita a adversidade com submissão a Deus.
- Os amigos de Jó vêm consolá-lo em um momento de grande necessidade.

levar alguém a agir de uma forma diferente da que a pessoa teria escolhido sem a provocação. Em 2Reis 18.32 e Jeremias 43.3, seres humanos são o sujeito do verbo, mas em 1Samuel 26.19 e 2Samuel 24.1 Yahweh é apresentado como aquele que incita as pessoas a fazerem algo errado. O paralelo em 1Crônicas 21.1 é instrutivo, pois indica que, embora Yahweh permita ações malignas dentro de seu plano soberano mais abrangente, ele não é o responsável direto pelo mal que ocorre. Não é de seu agrado que Jó seja afligido, mas ele permitiu que o adversário desse sequência à sua estratégia contra Jó na tentativa de demonstrar que Jó não tinha o caráter excelente que Yahweh lhe atribuía.

2.4-5 Pele por pele! Ao rejeitar a avaliação favorável de Yahweh a respeito de Jó, o adversário retruca com uma expressão proverbial, insistindo que Jó não sentirá a aflição até que sua saúde esteja em perigo. Em outras palavras, o adversário alega que Jó valoriza mais o

Em 2.12, quando os amigos de Jó observam seu sofrimento, começam a chorar em voz alta, rasgam as vestes e espalham pó sobre a cabeça. Essas eram formas típicas de expressar a dor e o luto em público no antigo Oriente Próximo. Nessa pintura de uma tumba egípcia, uma mulher enlutada lança pó sobre a cabeça como sinal de tristeza (tumba de Nebamun, c. 1350 a.C.).

